

## **PREFÁCIO**

uma obra contra o silenciamento

Este livro não trata do silêncio, mas de formas de silenciamento. Ele não reduz as relações de gênero à submissão de mulheres a uma dominação masculina. Pelo contrário, reúne vozes femininas que, apesar do medo, evidenciam a coragem para denunciar as violações sobre seus corpos e suas existências num mundo hegemonicamente masculino. São dez protagonistas de suas experiências e narrativas, com idades, raças, profissões e formações diferentes, que foram constituindo uma voz pluralizada pelo trabalho delicado e cuidadoso da historiadora Érika Oliveira Amorim. Aqui, a pesquisadora se junta ao coro como mulher feminista e atenta ao mundo em seu redor.

Érika Amorim traz para a “grande História” a pequena cidade de Carangola, localizada na Zona da Mata, Minas Gerais, com cerca de 30 mil habitantes. Visibiliza uma história local que é, muitas vezes, ignorada não apenas por um olhar masculino, mas estrutural, branco e urbano, que desconsidera as vivências e seus contextos, deslocando-os de seus lugares próprios: os municípios do interior. Pela história oral, a autora contribui para tornar públicos os eventos trazidos pela memória ferida, que são alimentados e atravessados pelas relações interpessoais de violências, em seu caráter simbólico, físico, emocional ou patrimonial. Ela possibilita ainda a compreensão de como o patriarcado e a dominação masculina afetam corpos, famílias e redes de sociabilidade e de como estes são afetados pelas experiências e racionalidades outras, capazes de provocar reflexões e de produzir ações, emoções, subjetividades e táticas de resistência também forjadas de forma insurgente no cotidiano feminino.

As narrativas das dez mulheres aqui registradas – Ana, Bruna, Carmela, Daniela, Eulália, Luciana, Margarida, Dona Maria, Rosa e Vera – evidenciam como os comportamentos projetados nas categorias “homem” e “mulher” são construções sociais e culturais naturalizadas nas vivências, e que contribuem para a hierarquia que procura produzir o silenciamento dos corpos femininos, junto a suas dores e desejos. A explicação biológica para as diferenças e, mais do que isso, para as desigualdades de gênero, tantas vezes já rechaçada pelos estudos de gênero e pelos diferentes feminismos, permanece sendo utilizada para justificar ações de exploração e abuso econômico, incapacitação da mulher, menosprezo ao trabalho doméstico, agressões físicas, estupro (marital, inclusive), como expressam os relatos.

Percebemos, em todas as histórias apresentadas neste livro, dois elementos centrais da violência de gênero no imaginário social, apontados por Rita Segato<sup>1</sup>: a crença na imoralidade natural das mulheres e a constante tomada de poder pelos homens, para controlá-las e puni-las por sua indisciplina e desobediência. A constante humilhação, os tapas no rosto, o estupro no casamento, a ameaça de morte, a tentativa de feminicídio a facadas pelo companheiro, o roubo da aposentadoria e da casa por familiares, tantas marcas da violência de gênero na vida dessas mulheres corajosas e resilientes,

---

1 Rita Segato é uma das intelectuais feministas mais influentes da contemporaneidade. Suas obras e seu ativismo apresentam debates sobre as hierarquias de gênero e de raça intensificadas pelo processo de colonialidade. Sugerimos conhecer alguns de seus livros, tais como: SEGATO, Rita. **Crítica da colonialidade em oito ensaios**; e uma antropologia por demanda. Tradução: Danielli Jatobá e Danú Gontijo. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

demonstram como essa estrutura mítica do erro feminino e de sua punição é recriada, replicada e reeditada a cada violação, a fim de reafirmar o homem como sujeito de poder junto a outros homens, sendo, muitas vezes, incorporada por certas mulheres dentro da própria estrutura social e da casa.

Os múltiplos usos semânticos e denominações diversas (violência contra a mulher, violência doméstica, violência familiar, violência intrafamiliar, violência conjugal e violência de gênero), sob diferentes entendimentos que se relacionam, demonstram que o patriarcado contribui fortemente para o ordenamento das relações de subjugação das mulheres. No entanto, a escuta atenta a essas vozes vivas – e isso, muitas vezes, requer ouvi-las também com a alma – é capaz de publicizar descontinuidades e reflexões sobre si como sujeitas dessas relações, colocando em xeque as expressões que, se podem ser explicadas ao serem nomeadas, não dão conta das dinâmicas de resistência que também são comportadas pela experiência. A ideia de dominação masculina não é suficiente, portanto, para dar conta “daquilo que se passa” no cotidiano, na possibilidade de reconfiguração das relações e de renascimento dos corpos femininos, que não são meros receptáculos de violências múltiplas.

As violências narradas não podem, dessa forma, ser restritas ao campo do privado e nem devem ser tratadas como uma estrutura coletiva inalterável. É, pois, necessário trazê-las ao terreno do debate público, como faz a obra de Amorim. A possibilidade de relatar dores que são íntimas e cotidianas provoca reflexões – individuais e coletivas – sobre a relação da violência de gênero com o caráter privado, particular.

Compartilhar histórias que se assemelham permite romper com a naturalização da dominação masculina e perceber seu mecanismo estrutural e suas fissuras. Tomar a própria voz para registrá-la num livro é um ato corajoso, mediado pela escuta feminista que acolhe e desobedece à ordem do silenciamento, recolocando essas sujeitas na história não apenas como objetos da violação, pela solidão, pelo medo e isolamento no universo familiar, mas pela coragem de dizer, no enfrentamento.

Ao nomear sua obra como *HISTÓRIAS DE LUTA: narrativas de mulheres e o enfrentamento da violência de gênero*, a historiadora promove inquietações subjetivas e coletivas, e leva com ela as palavras pelas quais se torna responsável, a partir do posicionamento em defesa de uma história pública que promova o debate em torno da historicidade dos valores patriarcais e da ação efetiva de políticas públicas de combate à violência de gênero. Um livro como este, elaborado a partir de processos dialógicos, como a história oral e suas implicações de gênero e raça, deve ter o efeito de tocar, afetar e desestabilizar a sociedade que procura abordar, mesmo em seu caráter localizado, uma vez que essas histórias fazem parte de redes de poder a serem “desfiadas” pela insurgência das vozes.

Os testemunhos do livro já não são apenas narrativas orais, mas palavras vivas que tratam do trauma, do inconcebível e do indizível. Não são reduções a uma perspectiva vitimizadora dessas mulheres, mas uma pluralidade de histórias que, ao trazerem a dimensão do cotidiano e da experiência, expressam como as violências sofridas não as reduzem a

corpos submissos e inertes. As narrativas pessoais revelam como o cotidiano não é apenas particular, e sim atravessado por relações assimétricas de poder que passam a ser naturalizadas e transformadas em rotina. A rotina, no entanto, não é aceita por elas como destino; ela é parte da colonialidade construída historicamente sobre os corpos femininos e dentro da qual elas agem sob a forma de ruptura, de negação, de fuga, de divórcio, de construção de redes de apoio, de trabalho, de denúncia legal, do denunciar publicamente.

A escuta, a partir do cotidiano, permite não apenas ver o que se perpetua, mas também os modos de resistências, os momentos de ruptura, a imaginação e a ação contra a ofensa, o roubo, o abuso e o estupro, além da coragem para a denúncia. A escuta da história oral, ética e atenta à voz dessas mulheres, sem outrizá-las como objetos da violência e da própria ciência, permite, nesta obra, transpor o silêncio e a invisibilidade que uma história estruturalista explica, mas que corre o risco de impor como destino, naturalizando o viés binário e determinista de homens violentos e mulheres vitimadas.

Dessa forma, a escrita de Érika Amorim não deve ser considerada um mero exercício intelectual, mas um compromisso político da pesquisadora a partir de um feminismo posicionado. Mais do que atender aos padrões para o trabalho acadêmico, a partir da história oral e dos estudos de gênero, a autora tece teoria, denúncia e vida. Construindo uma pesquisa com mulheres de Carangola, seu trabalho gera visibilidade, reflexão e aprendizado que doem. Mas não apenas doem, humanizam e feminizam uma ciência que, ao

acolher e compartilhar experiências, fortalece a luta contra o que não deve ser considerado silêncio ou destino.

Marta Gouveia de Oliveira Rovai

Professora Adjunta da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL)